

## Um clarão dentro da noite

Teve um dia em que a chuva veio mais forte, chuva de raios e trovoadas. É certo que naquela hora me lembrei das palavras de minha avó. O mundo não acabaria duas vezes do mesmo jeito. Se tivesse de acabar seria com fogo. Por isso mesmo, quando o tempo era de preparar a terra, eu evitava sentar na varanda, como sempre fazia no final das tardes. Nas montanhas, o céu ardia em chamas. Não contava pro pai, mas tinha medo de o fogo avançar até nossa casa, queimar nossas vidas. Que no dia daquela chuva meu medo foi muito maior eu não nego. Todos reunidos em torno da mesa de jantar sob a luz do velho lampião, cuja chama, embora já gasto o pavio, teimava em resistir ao sopro do vento implacável.

Todos fechados na alma para espantar o medo, menos meu pai. Eu não era o único que tremia. Meu dedo indicador da mão direita, aquele das trinta noites de febre sezão, ficava enrijecido nessas horas, sinal de que a noite seria longa. Por certo, meu tio Antônio não viria para contar histórias de Trancoso. Se tivesse de vir, antes ouviríamos o assobio. O que ouvimos não foi um assobio. Meu irmão achou que era um tropel de cavalos ao redor da casa. Minha mãe disse que as batidas eram na porta. Eu não disse palavra. Meu pai encerrou o assunto dizendo que eram apenas trovões. Para completar, o olho esquerdo do meu irmão do meio piscou de forma intermitente. Ocorria sempre que estava na iminência de sofrer um colapso. Meu pai percebeu quando minha mãe o procurou com o olhar.

Mas antes que minha irmã caçula começasse a soluçar, ele, mais rápido que pensamento, abriu a porta e arremessou o velho machado pra bem longe, além do pátio da nossa casa. Para atrair os raios, disse, fechando a porta imediatamente em seguida. Lembro-me agora de que, entre o abrir e o fechar, o mundo lá fora se iluminou e o clarão revelou uma face serena. Quando disse não se preocupem, já passaram, aqui eles não entram mais, os pulmões de meu irmão pararam de chiar.

Foi um simples gesto aquele, mas que alívio! E então olhamos pros olhos de nossa mãe, que nos confortava com um sorriso. Meu pai retomou seu lugar à mesa. Minha irmãzinha voltou a se entreter com a boneca de espiga de milho. Meu irmão, pra me provocar, fez girar sobre a mesa o seu pião.

Estávamos seguros, o mundo não ia se acabar.

## Jim Morrison sobe aos Céus

- Ande, acenda meu fogo, me leve para o outro lado!
- Tarde demais, *baby*, tarde demais. Eu já estou lá, mas eles chegaram antes.
- Eles quem?
- Os mesmos, os mesmos que tingiram de sangue as botas de Lorca. Já estão no corredor. Não mais há tempo.
- *Open the door!*
- Você não iria gostar. Não tem fim.
- Não importa, quero ir.
- Não, não iria gostar de ver.
- Mas não é um jardim de tulipas brancas?
- Não mais, *baby*, não mais. Não fui Ulisses o suficiente. E o gosto amargo daquele beijo não sai de mim, não sai.
- O que você vê agora?
- O horror, o horror e depois um jardim de pedras a perder de vista.
- Volte então, não me deixe, tenho medo!
- Tarde demais, *baby*, tarde demais, *this is the end*. Eles já exibem minha cabeça numa vitrine.
- Onde?
- Você não está vendo?
- O quê?
- Os cavalos, os cavalos! Eles foram jogados ao mar, sem nenhuma chance, sem nenhuma chance.
- O que faço eu então, Jim?
- Lembre-me pelas palavras, *baby*, pelas palavras, apenas isso, em memória de mim.

## Heptagrama

Foi o primeiro de uma linhagem de sete. A mãe, maldição nenhuma lhe lançou. A dedicada esposa, uma mulher resignada. Assim, cumprir a missão – que lhe veio naturalmente e pelas mãos de Príapo – não lhe pareceu uma tarefa hercúlea; antes, uma dádiva divina com a qual os eleitos, os justos e os bem-aventurados, somente eles, são aquinhoados. Seduziu sete mulheres puras, todas previamente irrigadas com vinho tinto. Nenhuma delas respondia pelo nome Maria. Sobre elas derramou as sete taças de sua graça. E a cada uma deu o nome de uma deusa grega, porque foi assim que elas se mostraram.

Por isso, deu-lhes mais que a espada fremida, quando lhes penetrou a carne. Era um dedicado pescador de almas femininas. Estudioso, também. Ninguém as compreendia melhor – sentenciava. Elas, mais que isso, intramuros, confirmavam o que já se sabia. Tinha o toque de Midas. Depois de sua passagem, cada uma delas alcançou a graça perseguida pela maioria das mulheres medianas, as verdadeiras ativas. Casaram-se. Um filho haveria de lhes completar a felicidade.

Gratas, sentiram-se também no direito de chorar sua súbita morte, como se viúvas fossem, o que de fato eram. Nesse dia se conheceram, se é que se pode dizer assim, pois palavra nenhuma foi pronunciada, olhar nenhum foi trocado, nenhuma cumplicidade testemunhada. Em todas – e as razões eram fundadas – o receio no coração de que se confirmasse uma suspeita. O mesmo olhar, a mesma abordagem, as mesmas palavras sussurradas em tons melódiosos, a mesma rendição e a alma (a dele) inquieta, sempre.

Perfilaram-se, uma a uma, ao lado da urna. Foi quando constataram que ele conservava na pele a mesma viçosidade. Nesse momento, assim revelaram os mais velhos que testemunharam de perto e a quem não é dado mentir, por pouco não claudicaram. A imagem das narinas obstruídas com chumaços de algodão trouxe-as

de volta à realidade. Rezaram sete vezes o terço e incontáveis ave-marias.

Após, circularam. Umam tomaram café; outras, chá de camomila. Todas comeram sequilhos frescos. Misturaram-se, com aparente intimidade, aos amigos e familiares, com os quais conversaram amenidades e aproveitaram para satisfazer curiosidades. Depois, cumprimentaram, com profunda dor, a inconsolável viúva. Quando os olhos se cruzaram, não resistiram, e, do peito de cada uma, irrompeu o pranto. Havia algo de familiar. Tiveram a nítida impressão de que, em algum lugar no passado, viveram idêntico momento. Recompostas, prepararam-se para sair. Antes de se despedirem, tocaram-no com a ponta dos dedos os lábios, que lhes pareceram ainda quentes.

Ao assinar o livro de visitas, o fizeram com nomes fictícios. Foi o último acontecimento, acerca do qual não divergem os testemunhos. Sobre os fatos que se sucederam, as versões são desencontradas. Dentre os vários relatos, narro abaixo o que me pareceu mais verossímil.

Ao saírem, cada uma seguiu um caminho diferente, e as linhas imaginárias traçadas a partir do ponto inicial formaram um heptagrama. Aquela foi a primeira e única vez que se encontraram. Nunca mais se viram. Ainda assim, numa combinação silenciosa, guardaram luto fechado por sete dias (quando se vestiram de preto) e mil e uma noites secretas (há quem diga que coincidiram com os dias), tempo em que as tarântulas – umas negras, outras quase ruivas – cresceram livres, para a perplexidade dos maridos. Passada a clausura, numa noite em que a lua estava coberta de leite, todas foram simultaneamente fecundadas. Nessa mesma noite, os galos da madrugada emudeceram, os cães ganiram silenciosamente, os ponteiros dos relógios giraram no sentido contrário. Soube-se que no Oriente os rios e os mares engoliram a terra. Decorridos sete meses, um raio fulgurante de mil anos-luz atravessou a abóbada celeste

anunciando a aurora. Nesse exato instante, embora não saiba se é seguro afirmar, todas as estrelas de sete pontas reluziram no firmamento. Sete dias depois, os notários, em diferentes regiões do planeta, inscreveram em seus assentos o nascimento de sete varões. Todos registrados com um só nome, composto por sete letras e um enigma.

## Folha Seca

### **Como desenvolvi essa compulsão? No princípio, foi o vento**

Não me lembro de como tudo começou nem a causa. Mas isso não tem importância. Sei dizer que no início foi o vento. Tampinhas de refrigerantes achadas na rua ou jogadas sobre as calçadas vieram em seguida, pela necessidade de conferir mais realismo. Mais tarde evolui para caixas de papelão, latas e garrafas vazias. As várias cicatrizes que tenho nos dedos e no peito dos pés (chuto com os dois) indicam que a primeira fase foi difícil. Chutar seres vivos ou qualquer coisa que se move por esforço próprio foi a última etapa do aprendizado. Por esse tempo minha técnica já estava refinada e já adquirira meu primeiro tênis. Por um bom período, usei tão somente os pés. Hoje chuto também com as mãos, o que faço com a ajuda de um taco de sinuca partido ao meio e reforçado com chumbo no cabo.

Minha arte ficou completa, quando, por fim, aprendi a chutar com os olhos. É um modo bem sutil, mas que produz lá os seus efeitos. Só para que se tenha uma ideia, quando me deparo com uma criança barulhenta ou chorosa, num lugar apertado, como num elevador, por exemplo, um segundo de meu olhar é suficiente, ela logo se cala, e, mais um segundo, engole o catarro que sai pelo nariz.

Chuto também mau-olhado e inveja. Meu vizinho que o diga. A velhinha fofoqueira do oitavo é outra que já se sentiu varrida pelo meu olhar. Avareza, lucro fácil, faz de conta, socalícios e qualquer outro tipo de academia, financiamento de campanha política e de escola de samba, colunas sociais e hipocrisia também estão no topo da lista. Midiopatas também.

Meu tênis é reforçado com uma placa de metal na parte da frente e na lateral externa. É que além de chutar com o bico, o que faço com maior frequência, também desenvolvi, com maestria, a técnica de chutar com os três dedos, por isso o apelido que me deram quando ainda era uma criança: Folha Seca. Tenho uma coleção deles. Eu nunca os lavo. Quando eles ficam muito sujos de sangue, como daquela vez que chutei, até virar lama, a cara do meu professor de Álgebra, eu os abandono.

### **Como chutar um cara de pau sem sentir remorsos**

Certo dia amanheci com uma vontade especial de chutar um cara de pau. Logo achei um. Bastou ligar o aparelho de TV e sintonizar um canal com transmissão para todo o País. Um candidato à Câmara baixa discursava numa praça pública próxima daqui. Fui até lá. Difícil foi romper o cordão de isolamento. Quando consegui, chutar aqueles colhões me pareceu mais fácil do que imaginei. O chute foi tão forte que as bolas se recolheram para nunca mais descer. Fui preso, mas me libertaram vinte e quatro horas depois. Afinal, era véspera das eleições gerais. Minha ação repercutiu nas redes sociais, nos canais abertos e pagos de televisão e nos jornais. Talvez por isso o canalha acabou sendo eleito.

Um instituto de pesquisa, desses que se reproduzem como ratos no porão, revelou que o episódio na praça chamou a atenção de um segmento de eleitores até então sem representação no Parlamento Cimeriano. Foi o mote da campanha. Tratava-se de um nicho de eleitores que perderam ou tiveram as gônadas inutilizadas. A identificação, ajudada pelo tamanho da circunferência do abdômen, cuja tendência era a de aumentar, após o infausto acontecimento, foi instantânea e ele obteve expressiva votação.

### **Alguém atravessa no meio do meu caminho e rouba a cena**

Verdade se diga, nem sempre tive sorte com esse tipo de gente. Como daquela vez em que tentei chutar os bagos, se bem que me contentaria com o traseiro, de um impostor em pleno exercício do mandato. Nesse dia, os jornais publicaram que o Nosferatu recebeu com alívio a aprovação de sua gestão à frente de uma cidade localizada no semiárido do Nordeste da Ciméria e, pasmem, pela própria população local. Se é que é assim, pensei comigo mesmo, *this is the end, my friend* Jim Morrison.

O discurso era no parlamento, onde o mandatário fazia sua prestação de contas e aproveitava para ensaiar os passos seguintes da comédia. Essa circunstância dificultava ainda mais a execução do meu plano. Por onde ele se deslocava, um cordão sanitário o acompanhava. Ainda assim, não desisti de meus propósitos. O que mais me indignou foi o fato de o sujeito, na oratória mentirosa, conclamar seus pares a unir força em torno da luta pelo fortalecimento de uma variedade de leguminosas que crescem e se reproduzem às margens das terras estéreis do Nilo. Aqui, quando não é comédia, tudo não passa de um faz de conta, refleti, lembrando-me do título de meu livro inédito. Naquele instante, indaguei, como se tivesse um interlocutor à minha frente, mas esse aí não é o mesmo

que, ao deixar o último cargo exercido, não conseguiu explicar a origem da fortuna surpreendentemente acumulada? Até as pedras sabem disso, mas não há como provar, diz o meu interlocutor invisível, no que eu, a título de contra-argumento, digo que essa tese contraria o postulado que aprendi na Faculdade de Direito, segundo o qual quando se trata de fato público e notório não há necessidade de produção de prova. Por Júpiter! É que você se esquece de que essa terra não passa de uma grande fazenda – ele finaliza.

Não tive sorte.

Alguém chegou antes de mim. E sem essa de chutar. Simplesmente apagou o cara. Esse é dos bons, pensei. Finalmente, apareceu um sujeito com ódio mais acumulado do que eu. Embora frustrado, comecei a admirar o anjo vingador desconhecido. E essa não seria a única vez em que ele atravessaria o meu caminho.

Ocorreu também quando escolhi como alvo uma dama da mais fina flor da sociedade local, conhecida por alimentar com futilidades as colunas sociais. Antes de me aproximar da dondoca, que no momento concedia uma entrevista, uma bala varou o ar sobre minha cabeça e atingiu a socialite. Tudo muito rápido. Uma ação bem executada e limpa como aquela só poderia ser obra do anjo vingador que atacava novamente. Fiquei mais uma vez frustrado. E eu que só queria chutar o traseiro dela. De qualquer sorte, minha admiração por ele só aumentou.

### **Tarde da noite, ruas vazias, minha hora**

Sinto um prazer enorme me consumindo quando exerço a arte de chutar. O melhor momento de exercitá-la é à noite, que é quando encontro os melhores espécimes. Cães vira-latas, gatos, ratazanas, bêbados, equilibristas, malabaristas de sinais de trânsito, garçons que atendem mal e ainda sonégam troco, gerentes de restaurantes, prostitutas, travestis, vigaristas, vendedor de loja que ganha por comissão, flanelinhas, políticos corruptos, pederastas, sonegadores de tributos, estelionatários, construtores de fachadas, menores em situação de risco, estudantes de direito, mulheres que namoram veado rico apenas para se dar bem na vida, boiolas que nunca saem do armário e que namoram mulheres oportunistas apenas para sair na fotografia, e, ao final do dia, à noite, quando voltam para casa, choram copiosamente na companhia de seus gatinhos, num apartamento vazio. A lista é enorme, não dá para esgotar em poucas linhas.



Tarde da noite, como agora, as ruas estão quase sempre vazias. É a minha hora. À minha frente, um cão vira-lata atravessa vagarosamente a rua. Apoia-se apenas em três patas. Como diria um salafário notório, isso me incomoda, mexe com meus instintos mais subterrâneos. Resolvo aliviar o nosso sofrimento e dou-lhe um chute. Ele mal gane, parece mais um lamento, e foge coxeando; se aninha no primeiro depósito de lixo que se acumula na calçada. Alguém tem que remover o lixo dessas ruas, eu penso, e isso me deixa satisfeito, sinal de que não sou uma pessoa qualquer, tenho uma missão nesse mundo, azar de quem não me enxerga. De repente, um gato cruza à minha frente e não é preto. Hoje, a noite promete. Só que o miserável foi rápido demais: não acertei, chutei apenas o vento, o que me deixa desconsolado, porque chutar o vento é coisa do passado.

Quando penso que tudo vai ficar monótono, eis que vejo um mendigo sujo (isso é uma redundância, eu sei) e cego, na calçada, com um prato mais sujo do que ele na mão. Aproximo-me calmamente, mas mesmo assim os ouvidos do verme acusam minha presença e o deixam na expectativa de ouvir o tilintar de moedas sobre o prato. Na primeira vez em que isso ocorreu, foi impossível não me lembrar do meu herói favorito, minha referência maior. Foi com ele que aprendi um dos meus melhores chutes. Só que eu fiz mais, eu aperfeiçoei o golpe. Tem também o fato de os ceguinhos com os quais me deparo serem mais periféricos do que o ceguinho que ele encontrou na Rua Marechal Floriano, na cidade maravilhosa. E raramente os pratos são de metal, a maioria é feita da *Lagenaria siceraria*, uma trepadeira herbácea, da família das Cucurbitáceas, mais conhecida aqui como cabaça. Da primeira vez fiquei também sem saber a quem chutar primeiro, se o mendigo ou a cuia que ele segurava em uma das mãos. Hoje não tenho mais dúvida. Chuto a ambos e ao mesmo tempo. É, definitivamente, esse detalhe me afasta do meu referencial prático-teórico.

### **Jornada nas estrelas, sem essa de cavadinha**

Concentro-me, como um jogador de futebol que está na marca do pênalti e prestes a fuzilar a meta adversária. Só tenho uma chance, não posso errar. Chuto forte, sem essa de cavadinha. O prato, as moedas e a mão do mendigo, todos voam juntos *pro* espaço, numa espécie de jornada nas estrelas. Esqueço-me do prato, a mão de onde sequer sai sangue, e, mais rápido que um malabarista, aparo no ar algumas moedas antes que elas cheguem ao chão. Sinto-me frustrado, são apenas centavos. Nesse mundo de meu Deus, não há uma

vivalma que queira compartilhar um pouco da riqueza que amealhou honestamente. Só deixam migalhas.

Sentindo-me realizado, volto para a tranquilidade de meu lar, ligo o aparelho de som, aciono a tecla de repetição e, para vencer a insônia, vou dormir ouvindo *Black dog*, do Babe Ruth. Ao amanhecer, acordo com os sinos ainda badalando nos meus ouvidos.

### **Canivete *Corneta* à mão, golpe preciso**

Por falar em malabarista, vejo um de farol, no próximo sinal de trânsito. No lugar de bolas ou bastonetes, limões. Pego meu meio-taco-de-sinuca-meio-taco-de-beisebol, que trago escondido no casaco. Ando sempre de casaco. Por isso mesmo ninguém mexe comigo, pensam que se trata de um louco, pelo fato de usar casaco nesse calorão. Eu sempre trabalho com três opções de golpes. Não vou acertar a cabeça, já decidi. Seria fácil demais, sem graça. As pernas, dos joelhos para baixo, serão o meu alvo. Se optar pelas pernas, não vou bater com tanta força, quero parti-las ao meio, mas sem separá-las, no máximo deixarei igual a dois mocotós unidos apenas pelo tecido subcutâneo, lado a lado, da mesma forma como ficam expostos no Box 14 do Mercado do Mafuá depois do meio-dia, as moscas varejeiras circulando em volta. Bem que eu poderia ser mais cruel. Se assim resolver, o objetivo será acertar apenas os tendões do calcanhar de Aquiles, com força suficiente só para rompê-los, sem abrir qualquer corte. Mas, para tanto, o golpe tem que ser perfeito. Combinar força com precisão. A ideia me surgiu a partir de uma história que me contaram do meu bisavô, esse sim um homem cruel, segundo soube, pois não o conheci em vida. Mantinha sua propriedade completamente cercada.

Quando um animal, desses de pequeno porte, como um cabrito ou um leitão, invadia os limites de seus domínios, aproveitando uma brecha ou rompendo a cerca, ele mandava os agregados prender o bicho. Em seguida, pegava o velho canivete *Corneta* e, com um golpe preciso, cortava os tendões das patas

traseiras do pobre animal. Maior precisão cirúrgica seria impossível, de tão perfeito o talho que se abria. Nesse tempo ainda não se falava em sociedade de proteção aos animais nem em meio ambiente equilibrado. Detesto papo de ecologista, do tipo politicamente correto, que diz que os animais também têm sentimento e que temos de pensar no planeta que vamos deixar para as futuras gerações. Que porra é essa de futuras gerações? Faço igual ao dono da indústria mais poluente do mundo. Tô pouco me lixando. Quero saber é do saldo de minha conta bancária.

E para que imagem mais bonita do que o rio da aldeia, da aldeia não, que isso parece coisa de poeta que não deixa a sua cidade em paz. Para que imagem mais bonita do que a do rio dessa cidade mesmo cheio de algas? Parece um grande tapete verde, dá até para jogar golfe, se aqui se jogasse golfe.

Voltando ao assunto.

O passo seguinte era jogá-lo por cima da cerca de arame farpado e contemplar a dolorida cena. Para poder deambular (que é o mesmo que caminhar, segundo me disse meu professor de Semiótica), o cabrito ou o capado ou o pequeno cordeiro estropiado tinha que apoiar todo o peso do corpo nas patas dianteiras. As traseiras, essas apenas se arrastavam ou eram levadas com muito esforço. Tanta era a dor que, à medida que lentamente se arrastava, irrigava a terra ressecada com um rastro de mijo. Era de dar pena, segundo dizem. Sei que é cruel demais, mas foi pensando nessa imagem que eu mudei os planos novamente, assim como abandonei a ideia inicial de arremessar para longe a cabeça do malabarista, e decidi acertá-lo com o taco nos tendões e com um desafio a mais: o serviço tinha que ser limpo, sem corte, sem sangue. Além do que, queria também satisfazer uma curiosidade. Saber se era tão bom malabarista a ponto de se manter em pé e continuar a executar o seu número até que o sinal verde abrisse.

Fiquei de tocaia. Quando o sinal vermelho acendeu e ele começou a jogar para cima aqueles limões murchos (podia ser laranja, não sei bem), eu me aproximei rapidamente por trás e desferi dois golpes sequenciados, quase instantâneos, um para cada tendão. Nem deu tempo de o malabarista tentar se apoiar num deles e se defender. Foi ao chão e espatifou-se como um tomate podre. As laranjas, sim eram laranjas, rolaram em direção à sarjeta. O trânsito foi interrompido. Na confusão, saí dali rapidamente. Um caprino tem mais fibra na têmpera do que um ser humano, concluí.

Alguém tem que limpar o lixo das ruas. Chamo isso de ativismo cidadão. A culpa é das promessas não cumpridas da Constituição cidadã. Atuo no vácuo. Sou um iluminista. Como já dizia meu professor de Ciência Política aplicada para países tardios, às vezes alguém tem que empurrar a história.

### **Rua paralela, primeira esquina, prostituta, motor ligado**

Dirijo-me a uma rua paralela. Em uma de suas esquinas, uma prostituta se insinua. Um carro passa reto. Mais à frente, pega o primeiro retorno e faz o caminho de volta pelo outro lado da pista. Diminui a velocidade, joga um sinal de luz e para. O motor continua em funcionamento. A julgar pela mistura de gases que saem do escapamento trata-se de um V8. A loira, saia curtíssima, blusa decotada, na ponta dos pés, desce a calçada e atravessa a rua em direção ao carrão e, após contorná-lo, curva-se e enfia-se pela janela aberta do lado do carona, deixa apenas metade do corpo do lado de fora. À mostra, um par de pernas e coxas recheadas de celulites. Não dá para ver quem está dentro do carro, se homem ou mulher, casado ou solteiro, ou mesmo um velho gagá. Mas pelo luxo do carro, trata-se de um bacana. Quem eu mando primeiro *pro inferno*?

### **No dia seguinte, enquanto escovo os dentes diante do espelho**

Eu reconstruo a cena. Aproveitei que ele se distraía com a loira e o abordei pelo lado do motorista, e fui logo dando as ordens. Desliga esse motor, falei. Meio que assustado, ele reagiu. O quê? Quem você pensa que é, seu bunda-suja? Por acaso sabe com quem está falando? Não tem medo de ser preso não? Ao ouvir tamanho insulto, o sangue subiu à cabeça. Dei dois passos para trás. E resolvi mostrar a ele quem era que não sabia com quem estava falando.

*“You talkin’ to me? You talkin’ to me? You talkin’ to me?”*

“O quê?”

O cara era rico, bacana, mas não entendia nada de inglês e muito provavelmente nunca tinha visto *Taxi Driver*. E nem ouvido falar de De Niro, Scorsese, Travis, *Apocalypse Now*, *Cavalgada das Valquírias* ou *Divina Comédia*. Não ia perder tempo com néscios, logo eu, um cimeriano. Ao menor gesto suspeito, arranquei-o de dentro do carro e com o meu meio-taco-de-sinuca-meio-taco-de-beisebol fiz do crânio dele uma geleia de morango sem pimenta. Quanto olhei para trás, a loira dobrava a esquina. Não fui atrás. Ainda não era a sua hora.

Voltei minha atenção para o bacana estendido no asfalto, as pernas, puro reflexo, ainda se debatiam. Com o dedo em riste, falei: – Olhe aqui, seu imbecil, onde quer que esteja agora, guarde bem esse nome. Eu me chamo Folha Seca, entendeu?!

Em seguida, saí dali com a sensação de missão cumprida. Ao chegar em casa, liguei o som e comecei a ouvir *Black dog*. Sempre ouço *Black dog*. No café, no almoço, no jantar e ao dormir, menos na hora do lanche, que é quando prefiro ouvir o som dos sinos misturados com barulho de chuva caindo sobre um teto de zinco quente.

## O corvo

Não me lembro de quando tudo começou. Lembro-me de que primeiro eram os pardais, as graúnas vieram depois, em bandos. Os sabiás, logo em seguida, não paravam de cantar. Por fim, pousou um falcão e ele era garboso, as asas tocando o chão, um olhar imponente, todos pareciam lhe render homenagens. Pouco a pouco, uns silenciosamente, outros batendo as asas, foram se aninhando, o que até me divertia. No início ainda tentei afugentá-los, mais pela sujeira que deixavam do que por conta do peso sobre minha caixa craniana. Não demorou e eu desisti, mesmo porque eram alegres e simpáticos, cada um com uma plumagem mais bonita do que outra, eu podia dizer que a vida até que estava colorida. E viviam em perfeita harmonia, assim concluía, àquela época.

Vinham sempre no final da tarde, quase sempre em bandos, e, na manhã seguinte, em revoada, batiam suas asas; o destino eu ignoro, mas sempre estavam de volta ao entardecer, com o papo cheio, como se costuma dizer, até que um dia não voltaram mais. Algo os assustou e sei o motivo. Foi quando chegou o corvo. Com seu canto de mau agouro, bico curto e afiado, sua veste negra como o breu da noite, nenhuma candura havia nele. Foi um duro golpe, justo no momento em que eu começava a aprender o canto do sabiá, eles se foram. Sinto saudade, ainda que tivesse, toda manhã, que aspergir os cabelos, antes de penteá-los, para remover sementes, restos de insetos e pequenos frutos deixados para trás.

O corvo, quando pousou, de imediato abriu uma clareira em volta com suas garras afiadas. Coincidentemente, meus cabelos começaram a cair. E não parava de grasnar, de forma tão sombria que assustava a coruja em frente. Aliás, minto, parava quando sentia fome. Aí então começava a bicar mais fortemente, tal qual uma britadeira de asfalto.

De tanto insistir, abriu-se um buraco no meu cérebro do tamanho de uma cratera lunar, embora aqueles açougueiros, que se autodenominam médicos, digam que, na verdade, a tal cratera foi consequência de uma queda accidental. Certo dia, bicou tanto que levou meu lobo temporal e se alojou no lugar. Dali só saía à noitinha, quando todos em minha volta estavam dormindo, mas logo retornava com restos de vísceras em volta do bico.

A partir desse momento me veio essa apatia que alterno com raros momentos de euforia, que é quando vejo paredes no lugar de portas e estas no lugar daquelas. Todas as pessoas, segundos depois de vê-las, me parecem estranhas. Essas mesmas pessoas, que se queixam ser da família, do que não me convenço, dizem não acreditar que na minha cabeça há esse demônio como inquilino, nessa altura já pensando no melhor meio de se reproduzir.

Insisto em dizer que não estou louco. E mais, neste momento, o corvídeo está comendo o que me resta dos neurônios, agora em silêncio, que é para não chamar a atenção. E eu é que não tenho culpa se eles não conseguem sequer enxergar suas asas negras. Talvez no dia em que elas cobrirem meu corpo como um manto negro é que irão acreditar em mim, mas aí já terá sido tarde, eu creio. O corvo, impune, baterá asas.

## No ninho dos poetas

Peço uma cerveja. Quente. Um copo americano, por favor. Só tem descartável, diz o garçom. No primeiro gole, desisto. Peço um uísque. Não tem gelo, diz o barman. Fazer o quê? Bebo de um gole só. Puro álcool. Outro cavalo paraguaio, eu peço. O garçom, com o olhar de reprovação e postura de proprietário do estabelecimento, diz que estou enganado, o uísque é legítimo, selado, e que se eu quiser tenho que comprar a ficha antes. Não esquenta, tranquilizo, cavalo paraguaio é um poema que estou trabalhando.

BR-3, o nome da banda, toca *Voodoo Child*. O vocalista anuncia que o microfone está à disposição de todos. Os bardos fazem fila, começam a declamar. O rio é o mote. Uma poetisa com os cabelos desgrenhados agarra o microfone e eu temo por sua sorte, a do microfone, se é que me entende. Gesticulava de forma desordenada, tal como uma aranha desorientada, tentáculos para todos os lados, as pernas parecendo duas palafitas movendo-se em areia movediça. Começa a berrar: – Preciso urgentemente fazer um poema sobre o rio de minha cidade. Na estrofe seguinte, troca a cidade pela aldeia. O pobre do guitarrista faz malabarismos para acompanhar o ritmo ora estridente ora sonolento. Repete os mesmos versos até cansar. Ao final, joga o microfone para um dos lados e se despede diante de efusivos aplausos. Dirige-se a uma mesa, em que aguarda um grupo animado de jovens, um deles escreve um poema num rolo de folhas duplas de papel higiênico. No meio do caminho, ela arranca um copo de cerveja das mãos de um, que apenas olha. Mais à frente, tropeça numa garrafa jogada ao chão, quase cai, mas consegue sentar-se em um banquinho de madeira e grita: – Garçom, mais uma, que eu preciso escrever urgentemente um poema sobre o rio que corre dentro mim.



Já vou para a quarta dose. E parece que ganhei a simpatia do garçom. Mandou comprar gelo e água de coco, mas me fez prometer que tomaria pelo menos mais três doses.

O tempo passa. Os poetas continuam se revezando no palco. Tem um que canta a beleza do rio coberto de aguapés. Ainda bem que não tem nenhum ambientalista por perto. Deixem o rio em paz, resmungo.

A oitava dose eu tomo com gelo e água de coco. O dono do bar, poeta nas horas vagas como o próprio diz, e dublê de garçom em finais de semana, agora é um poço sem fundo de amabilidades. Também, conseguiu recuperar o investimento e já está no lucro.

Lá pelas tantas, me faz um convite. Quer que escrevamos um poema a quatro mãos. Lisonjeado, agradeço e gentilmente recuso. Percebo que não gostou e insiste. Apelo para o seu instinto patrimonialista e digo-lhe que ainda tenho reserva para mais duas doses, desde que ele guarde segredo do que vou dizer e não se ofenda. Pode falar, ele diz. Não sou poeta, sou contista, digo baixinho, olhando firme os seus olhos, certificando-me, antes, de que não havia ninguém por perto. A reação foi imediata. Deu dois passos para trás, que quase o levaram ao chão. Refeito, aproximou-se novamente. Seus olhos cuspiram fogo. Por um momento pensei que ele iria acionar os seguranças ou resolver a parada com as próprias mãos. Comecei a suar frio. À minha volta, pareceu-me que todos me olhavam com ar de reprovação. Deve ser o efeito do cavalo paraguaio, pensei.

De repente, para minha surpresa, meu interlocutor interrompe-me os devaneios, dizendo: – Tudo bem, você é um bom cliente. Sirvo-te mais duas doses, sem gelo e sem água de coco, mas com a condição de que nunca mais volte aqui, entendeu?

Ao final da décima dose, sentindo-me um estranho no ninho, saí dali como entrei, sem ser notado e decidido a escrever este livro.